HISTÓRIAS QUE NÃO FORAM, QUE VIERAM E QUE PODERIAM SER: UMA LEITURA DE DOIS ROMANCES AMERICANOS

Émile Cardoso Andrade – UEG
emilecardoso@yahoo.com.br
Michelle dos Santos – UEG
michelle.santos0803@gmail.com

Resumo: Essa comunicação almeja analisar duas narrativas que misturam especulação histórica a temas recorrentes da crítica política e social contemporâneas, como a ‘crise da democracia’ e o ‘antisemitismo’, ligados ao momento em que os autores lançaram suas obras, são elas: *Complô contra a América* (2004), de Philip Roth e *Associação Judaica de Polícia* (2007), de Michael Chabon. Ambas bagunçam nossas categorias e divisões herméticas do tempo, fazendo-o aparecer, no primeiro caso, invertido e posteriormente reodernado nos moldes convencionais da historiografia dos Estados Unidos e da II Guerra Mundial. Já no segundo caso, o tempo aparece *estetizado* em gêneros literários, quadrinísticos e cinematográficos. Os dois confluem, pois, em um tempo *da homenagem e do triunfo* seja da cultura de massa, seja da América como a terra da liberdade e da democracia.

Palavras-chave: história especulativa, tempo, América.

UM NOVO GÊNERO?

Ensaios, contos e romances podem ser tecidos à moda alternativa. No Brasil, seu desenvolvimento e sua visibilidade são recentes e têm como marcos a história retificada de Canudos, escrita por José J. Veiga, *A casca da serpente* (1989), e a novela *Ética da traição* (1993), de Gerson Lodi-Ribeiro, na qual ele desdiz um passado marcante da América do Sul, a Guerra do Paraguai (1864-1870), oferecendo-nos, como suspense, um novo tempo presente vivido no pequeno Brasil, que décadas atrás teria sido derrotado pelo país de Solano López, agora uma potência, agente da *Pax Paraguaya*.

Nos artigos e livros sobre o assunto, on-line e impressos, acompanhamos a invenção de uma tradição literária sobre futuros do passado, uma genealogia que compreende algumas páginas do monumental *História de Roma desde a sua fundação*, de Tito Lívio, passando por *Napoléon et la Conquête du Monde, 1812-1813* (1836), do escritor francês Louis Napoléon Geoffroy-Château, e pelas narrativas de língua inglesa *P.s Correspondance* (1846) e *Aristopia* (1895), escritos por Nathaniel Hawthorne e Castello Holford. Difusor e entusiasta de histórias que exploram um *turning point*, um ponto crítico, um acontecimento diferente e inédito que revirou o mundo tal como o conhecemos, Lodi-Ribeiro é autor ainda de *Xochiquetzal: Uma Princesa Asteca entre os Incas*. É oportuno mencionar também as histórias de Silviano Santiago e Roberto de Sousa Causo, *Em liberdade e Selva Brasil*, bem como o livro *História do cerco de Lisboa* de José Saramago.

DOIS GRANDES GÊNIOS DO GÊNERO?

Esse trabalho é uma leitura de dois romances americanos escritos no século XXI que geram discussões acerca da construção de temporalidades sejam elas históricas, imaginárias, ficcionais ou subjetivas. Denominados aqui de romances especulativos, estas narrativas seguem na contramão do fato real, ignorando-o e criando outro conjunto cronotópico que se distancia da experiência histórica considerada verdadeira. Mais do que inventar e ficcionalizar uma trama, estes romances partem de pressupostos distantes das verdades inscritas nos tradicionais manuais e ratificados pela visão consolidada da evidência histórica e acabam por desenhar novas formas de pensar o tempo e o espaço das experiências contemporâneas.

Narrador e crítico da cultura da América e vencedor do prêmio Pulitzer de 1997 pelo romance *Pastoral americana*, Philip Roth cria novamente uma ficção para debater as particularidades e rumos da política e da cultura de seu país. Nascido em Newark, o escritor é o responsável por outros títulos de grande envergadura tais como *O animal agonizante* (2001), *Fantasma sai de cena* (2007), e *Indignação* (2008). Assim como o romance em questão, *Complô contra a América* (2004), a maioria de suas obras dispõe-se a refletir sobre as experiências contemporâneas da vida em sociedade, do amor e do erotismo, da velhice e da juventude, das artes e da literatura, entre outros debates tão relevantes nos dias atuais.

O escritor norte-americano Philip Roth constrói um vigoroso romance partindo de uma sentença condicional que muitos chamariam de “incoerência histórica”: o que poderia acontecer se os Estados Unidos não entrassem na II Guerra Mundial e passassem a adotar uma postura isolacionista com tendências a um “entendimento” cordial com a política nazista? Roth aceita o desafio de responder esta pergunta e enreda uma trama cujos personagens centrais saem do próprio círculo familiar do escritor, ou seja, num tom especialmente biográfico, o autor nascido em Nova Jersey descreve sua vida num tempo/espaço ficcional singular. Nele, Charles A. Lindbergh derrota Franklin Roosevelt nas urnas e se torna presidente dos Estados Unidos em 1940. Tendo criticado a postura dos judeus americanos que defendiam a entrada do país na II Guerra, o renomado aviador empossado presidente prefere isolar a nação do contexto bélico de então, além de manter relações bastante amigáveis com Adolf Hitler. Essa conjuntura política ameaçadora promove uma sensação de paranoia na maioria dos lares judeus da América – que, sempre tida como o lugar da liberdade, da oportunidade e do bem estar – passa a ser uma terra de desconforto, desconfiança e medo. A família Roth, antes tão segura de seu lugar na construção de uma nação sólida e consolidada, vê-se

gradativamente subjugada por sua condição semita e acaba sofrendo as consequências de uma política simpatizante do nazismo e voltada para a discriminação dos judeus.

O segundo romance em análise tem como título *Associação judaica de polícia*, publicado em 2007, do judeu americano Michael Chabon. Assim como em *Complô contra a América*, a perspectiva desta trama estrutura-se a partir de outro cronotopo contrafactual. Em 1948, os judeus são expulsos do território de Israel por uma coalizão de países muçulmanos. Apátridas, recebem dos Estados Unidos – como consolo provisório – um território no Alasca, lugar em que se desenvolve a narrativa policialesca que mescla comédia, romance *noir* e uma vigorosa e criativa retórica que ainda se singulariza por conta do uso do iídiche como recurso estético-linguístico. Nesta estranha cidade nos confins do hemisfério norte chamada Sitka, um detetive de polícia pouco ortodoxo, descuidado com a aparência e com forte tendência ao alcoolismo, é chamado a solucionar o assassinato de um judeu viciado em heroína que atende pelo nome de Emanuel Lasker. O policial Meyer Landsman então vê-se enredado numa articulada teia investigativa que relaciona jogos de xadrez, máfia judaica, um suposto messias e uma trama conspiratória para retomar a Terra Santa e levar os judeus de volta a Jerusalém. Por conta de suas maneiras atrapalhadas e sua dificuldade de lidar com a burocracia da polícia, encontra resistência de sua chefe – coincidentemente sua ex-mulher – para continuar no caso. Ao mesmo tempo em que desafia as ordens de Bina, corre atrás da solução do enigma com o auxílio de seu parceiro e primo Berko Shemets, um mestiço de judeu e índio que se esmera no trabalho por idealizar o amigo.

Subvertendo o gênero *noir* num emaranhado de eventos risíveis, patéticos e quase surreais, Chabon transforma sua história alternativa em ficção das mais sofisticadas, principalmente no tratamento da linguagem, ponto crucial a ser observado. Muito da beleza do livro deve-se ao excelente uso de metáforas, comparações e analogias, além das criações lingüísticas envolvendo o iídiche e o inglês (preservadas com cuidado pelo tradutor da edição em português, Luiz A. de Araújo).

Deve-se ressaltar que, a despeito de uma linguagem complexa que poderia dificultar uma possível adaptação ao cinema, tem-se uma grande expectativa em torno do trabalho que os diretores Ethan e Joel Coen vêm realizando na filmagem deste romance, ainda em andamento. Isso porque a maneira singular como Chabon constrói sua história remete facilmente aos universos criados pelos irmãos Coen: dramas patéticos recortados por humor cínico (*O homem que não estava lá*, 2001), gênero policial desvirtuado pelo pastiche (*Fargo*, 1996), enredos de profunda densidade desenvolvidos por personagens ridículas e sem desfecho plausível (*Um homem sério*, 2009) e

western com roupagem contemporânea pouco convencional (*Onde os fracos não têm vez*, 2007). Pela natureza subversiva com que Chabon e os Coen tratam os gêneros em geral (tanto literários quanto cinematográficos), e por suas incursões no universo cultural dos judeus, é possível recomendar esta adaptação antes mesmo de sua estreia.

Os processos narrativos dos dois romances constituem-se instâncias essenciais para o sucesso do funcionamento do gênero literário que ora chamamos história alternativa, ou especulativa, como já designamos anteriormente. Nesse sentido, a engenhosidade de Roth se concentra principalmente no jogo de escalas que se estabelece quando o narrador parte do contexto especulativo (América simpatizante do nazismo) para o relato autobiográfico. Da tessitura realizada a partir do entrelaçamento de um cronotopo tão improvável com uma narrativa tão marcadamente subjetiva é que se constitui um romance tão bem articulado. Em outras palavras, é o astucioso trabalho de inserir-se verdadeiramente num tempo-espço imaginado que faz de Philip Roth um personagem/escritor tão fascinante. Em *Complô contra a América*, o narrador é o próprio Roth, expondo suas vivências e sentimentos de criança, já que a trama se passa na década de 40.

Enxergando a infância que viveu, o narrador mais maduro rememora toda a difícil experiência sofrida pela família quando do governo Lindbergh e suas conseqüências na vida dos judeus americanos. Ora, o grande paradoxo desta biografia está justamente neste vínculo aparentemente impossível: como o autor pode lembrar sua própria infância num contexto que nunca existiu de fato? A magia do texto incorre desta incoerência: a escala pequena da vida comum dos judeus americanos na década de quarenta sob a escala maior de acontecimentos políticos impensáveis dentro da História convencional. Este conjunto gera um novo universo de possibilidades para pensar esse momento tão complexo do século XX, ampliando visões, reflexões e experiências a partir de um horizonte de expectativa possível.

O próprio Philip, e outras figuras dramáticas, como Hitler, Lindbergh e Roosevelt, que se relacionam com indivíduos produtos de sua astúcia ficcionista, podem ser enxergados a partir da teoria de Abbas Kiarostami, desenvolvida no longa *Cópia fiel* (2010), pois não são originais, mas imitações do que já existe (na memória, na história), não obstante, parecem produzir-se diante nossos olhos pela primeira vez, são autênticos, genuínos. A originalidade da cópia de personagens ‘reais’ célebres e suas relações com uma ‘sociedade de indivíduos’ comuns e inventados também será a tônica do desenvolvimento desse trabalho. Assim, a história não se limita a aparência erudita, ao saber interiormente recolhido, ao contrário, serve à vida, como ansiava Nietzsche em sua existência filosófica.

Por outro lado, a estratégia narrativa de *Associação judaica de polícia* é diferente, mas não menos complexa e sofisticada. Alicerçada pela linguagem original que aglutina de diversas maneiras o iídiche e o inglês, criando situações lingüísticas inusitadas, a estrutura da narração é polifônica na medida em que se aproxima e se distancia do personagem principal, Meyer Landsman. Utilizando o discurso indireto livre, a terceira pessoa da narrativa é, na maioria das vezes, o ponto de vista do detetive ou uma outra instância narrativa muito próxima.

Esta falsa 3ª pessoa do discurso é um recurso narrativo moderno desenvolvido por Dostoiévski e aperfeiçoado por Kafka, haja vista a narrativa aparentemente distanciada de *A metamorfose*, cujo suposto narrador observador encontra-se tão perto de Gregor Samsa que conhece seus pensamentos, sentimentos e todo o seu desconforto diante da constatação de que se transformou num enorme inseto. No romance de Michael Chabon, o comando da narrativa transita entre a percepção de Landsman e um outro narrador que, sabendo de aspectos da trama desconhecidos do agente de polícia, desnuda alguns detalhes do enredo ao leitor. Porém, não se trata de uma narrativa onisciente, o que pode se confirmado pelas inúmeras brechas e lacunas que perpassam o romance deixando espaço para a interrogação e para a decifração dos enigmas dispostos na trama. Além disso, a ironia e o cinismo são marcas de todas as vozes narrativas do texto, que, cada uma à sua maneira, transformam-no num jogo de significados que não estão todos dispostos *a priori*.

A FORÇA DA GENERALIZAÇÃO

A história não deveria caber no tempo, mas engendrar suas temporalidades próprias, à maneira de Roth e Chabon, menos submissas a cronologia dada de antemão. Aceitar, se conformar com o óbvio e o ululante, expressos na norma: “só se escreve história do que aconteceu”, seria a melhor estratégia reflexiva ou mesmo didática para lidarmos com o passado?

A concepção temporal a qual estamos habituados não é essa, e sim aquela que aparece de modo cáustico e inequívoco nos *Grundrisse* de Karl Marx em 1863, ao constatar que, sob o capitalismo, “o tempo é tudo, o homem já não é nada; é, quando muito, a carcaça do tempo” (2011). Cabe então ao historiador – simpático ou não ao materialismo dialético – como foi definido por Marc Bloch, descobrir como os motivos, os temas e os valores de um pensamento ou de uma ação são fornecidos ou sugeridos pelo seu tempo. Os axiomas do célebre historiador francês, que demonstram sua fé no poder revelador deste último, tornaram-se mantras respeitados até hoje: “a

história é a ciência dos homens no tempo” (BLOCH, 2002, p. 36). Ou citando um provérbio árabe imemorial, “os homens são mais filhos de seu tempo que de seus pais” (BLOCH, 2002, p. 60). Ou seja, não há vida para personagens e fenômenos históricos fora do momento em que lhes coube viver. Nesse sentido, é preciso contextualizar, historicizar os documentos, os indícios do passado.

Embora Fernand Braudel, também ele um *annaliste*, tenha dado uma imensa contribuição aos estudos sociais ao desdobrar o tempo histórico em três aparições: longa, média e curta durações, ele está muito longe de concepções iconoclastas, como as de Henri Bergson, festejadas por Deleuze, e também por seu estudioso Peter Pal Pelbart: “tempo é invenção ou não é absolutamente nada”.

Em *O tempo não reconciliado: imagens do tempo em Deleuze*, o filósofo húngaro residente no Brasil, discorre sobre a pluralidade de andamentos temporais, práticas do tempo heterogêneas, desvios múltiplos, encavalados, simultâneos. Longe também está das figuras do tempo soerguidas por Walter Benjamin – ainda no início do século XX – que põem em xeque o tempo como uma continuidade absoluta, que dão vazão a bruscas interrupções e que evocam aquilo que ficou soterrado no passado como um futuro abortado (BENJAMIN, 1994, v. 1; LÖWY, 2005).

Para Peter Pal Pelbart, o tempo não é apenas uma mera sucessão de instantes ou o desenrolar de um histórico prévio de possíveis. Ele, por assim dizer, engendra o que antes não havia, não era previsto, quiçá previsível; abriga uma dimensão de inderteminação. Assim, quando usamos a conjunção condicional “se” ou o termo “possibilidade” não queremos endossar a diferença esquematizada por Aristóteles em *Arte poética*. Na obra, o historiador é definido como aquele que escreve sobre o que aconteceu, enquanto o ficcionista é quem escreve sobre o que poderia ter acontecido. No entanto, tal separação torna-se nebulosa quando admitimos (e endossamos) a ideia de Jacques Rancière, segundo a qual só cabe na história o que é possível, portanto a principal demarcação desse campo é justamente a poética: ou seja, o que é provável ocorrer em um tempo, seja “*no tempo das especiarias*” (Fábio Pestana Ramos), em “*Berlim no tempo de Hitler*” (Jean Marabini), e outras tantas dissertações com esses títulos e tom. Dito isto, esse artigo quis perscrutar *tempos alternativos, e não possíveis*, como aqueles desenhados pelos traços tão historicizantes (quanto competentes) de Robert Darton. Traços que não escapam aos pressupostos de verossimilhança e necessidade aristotélicos:

Um poeta ou um filósofo pode levar a linguagem aos seus limites mas, a certa altura, vai deparar-se com a estrutura externa da significação. Para além dela, jaz a loucura – o destino de Holderlin e de Nietzsche. Mas, dentro dela, os grandes homens podem testar e deslocar as fronteiras da significação (1986, p. XVIII).

O excerto acima reforça a convicção de que o que escapa às ideias de tempo-contexto-estrutura-cultura, de universo mental ou linguístico em que os sujeitos habitam e significam, já está fora do campo da história, adentrando o campo do não crível, da demência, do que é difícil explicar pelo tempo ou dentro do tempo. Porém, se a história parte disso ela exclui (ou deixa de olhar) uma série de vivências interessantes, que, todavia, não se assemelham ao seu tempo. Um sujeito histórico e seus contemporâneos devem, segundo a visão hegemônica, parecer com o real, devem ter coerência e coesão contextual, o que dá o efeito ilusório de verdade. Ora, causas e consequências bem articuladas redundam em uma explicação histórica que torna toda ação ou todo pensamento imprescindível, quiçá forçoso e inevitável.

O queijo e os vermes (1987), de Carlo Ginzburg, seria a prova – em forma de uma história agarrada a verossimilhança e a necessidade – de que Menocchio, a despeito de sua cosmogonia excêntrica e incomum, é um homem do século XVI. Caso contrário, como afirmou Lucien Febvre a respeito de Rabelais, ele não mereceria uma discussão. Diante de desafios como esse, pululam saídas confortáveis, mas pouco convincentes, como a de que indivíduos dessemelhantes (e, portanto, não contemporâneos a sua sociedade) estariam adiantados na linha da história. O ensaio biográfico sobre Walter Benjamin escrito por Hannah Arendt traz em suas conclusões acerca da fama póstuma, uma escarnecimento acre:

Nem se pode dizer que seja a recompensa amarga daqueles que estavam à frente de seu tempo – como se a história fosse uma pista de corrida onde alguns competidores corresse tão rápido que simplesmente desapareceriam do campo de visão espectador (2008, p. 166).

Ou com invenções curiosas como a de Edoardo Grendi, que propôs a noção de “excepcional normal”, por meio de modelos generativos “que permitem integrar completamente (e não mais como exceções ou desvios) os percursos e as escolhas individuais. Desse modo, poder-se-ia dizer que o excepcional se tornaria normal” (REVEL, 1998, p. 33).

Em outros termos, e parafraseando Roland Barthes (2007, p. 16), quando especula sobre o poder fascista da língua: é possível exercitar a luta contra a tirania do fato consumado, a partir de um ou mais pontos de divergência com o que efetivamente ocorreu, podemos *trapacear a história, trapacear com a história*. A história estática, previsível (muito presente em todos os níveis de ensino!), tal como a língua, dita regras muito claras, rígidas, que redundam na condenação de desvios ou variações, e é preciso buscar saídas, safar-se da opressão racionalizadora e

contextualizante.

Os dois autores americanos não pensaram em construir explicações coesas, seria fácil: eles ergueram o espanto inexplicado. Como disse certa vez Clarisse Lispector sobre Brasília, a nova capital, “a criação não é uma compreensão, é um novo mistério”.

REFERENCIAS

ARENDDT, Hannah. *Homens em tempos sombrios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BARTHES, Roland. *Aula*. São Paulo: Cultrix, 2007.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras escolhidas, v. 1).

BLOCH, Marc. *Apologia da história ou O ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

DARNTON, Robert. *O grande massacre de gatos: e outros episódios da história cultural francesa*. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

LÖWY, Michael. *Walter Benjamin: aviso de incêndio: uma leitura das teses “Sobre o conceito de história”*. São Paulo: Boitempo, 2005.

MARX, Karl. *Grundrisse: Manuscritos econômicos de 1857-1858: esboços da crítica da economia política*. São Paulo: Boitempo, 2011.

NIETZSCHE, Friedrich. *Obras incompletas*. Seleção de textos de Gérard Lebrun. Tradução e notas de Rubens Rodrigues Torres Filho. Posfácio de Antônio Cândido. São Paulo: Nova Cultural, 1996. (Os Pensadores).

PELBART, Peter Pál. *O tempo não reconciliado*. Imagens de tempo em Deleuze. São Paulo: Perspectiva, 1998. (Coleção Estudos, 160).

RANCIÈRE, Jacques. O conceito de anacronismo e a verdade do historiador. In: SALOMON, Marlon (org.). *História, verdade e tempo*. Chapecó, SC: Argos, 2011. (Coleção Grandes Temas, 14).

_____. *O mestre ignorante: cinco lições sobre a emancipação intelectual*. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

REVEL, Jacques. Microanálise e construção do social. In: _____ (Org.). *Jogos de Escalas: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: FGV Ed., 1998.

ROSENFELD, Gavriel D. *The World Hitler Never Made: Alternate History and the Memory of Nazism*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

WRIGHT MILLS. *Sobre o artesanato intelectual e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.